RESENHA

ASPECTOS DO NOVO RADICALISMO DE DIREITA DE THEODOR ADORNO

Mario Jorge paiva

Autor: Theodor W. Adorno
ISBN: 978-65-5711-008-9
Editora: Editora Unesp

Há um novo interesse por estudos sobre direita, especialmente sobre direita radical. Muito disso ocorre graças aos elementos de conjuntura; uma vitória inicial de Donald Trump nos Estados Unidos, de Jair Bolsonaro no Brasil etc. Nesse cenário, entender estudos que trabalharam anteriormente sobre o tema é muito importante, nisso essa publicação da palestra de Adorno, *Aspectos do novo radicalismo de direita*, se mostra um grande acerto, porque é surpreendente como essa palestra, de abril de 1967, conversa com o mundo atual.

Depois de um texto chamado *Introdução à coleção*, há uma apresentação à edição brasileira chamada *Depois da meia-noite no século: Adorno e as análises do fascismo*, de Felipe Catalani. Nela o autor fala que o interessante aqui é o apontamento do vínculo entre fascismo e capitalismo (CATALANI, 2020, p. 12). O impacto do fascismo, vale lembrar, está por toda obra de Adorno (CATALANI, 2020, p. 13). Em tal texto se fala como o hitlerismo não foi um retorno das estruturas pré-modernas, ele foi, de certa forma, uma revolução burguesa na Alemanha. Uma máquina mortal hipermoderna e orientada para o futuro; um *boom* industrial, visando compensar uma precária situação econômica alemã

(CATALANI, 2020, p. 15). É algo contrário ao liberalismo do *doux commerce*. A crise de 29 enfraqueceu essa doutrina do velho liberalismo *laissez-feire*. Mesmo liberais falavam que a lei do mercado precisava de um enorme artifício (CATALANI, 2020, p. 16-17). E a persistência da acumulação de valor na Alemanha nazista não ocorria sob uma economia estatizada (CATALANI, 2020, p. 18-19). O quadro não era de suspensão das contradições, mas o fascismo como uma organização terrorista das contradições do capitalismo, como apontava Marcuse (*apud* CATALANI, 2020, p. 20).

Adorno sabia que essa prosperidade econômica com Hitler envolveu uma frenética preparação para tal guerra (CATALANI, 2020, p. 21). Desprovida de colônias desde o fim da Primeira Guerra Mundial, diferente de outras potências concorrentes, a Alemanha precisava se desenvolver. O expansionismo territorial surge como inerente. Há uma força, contra o sistema, para reafirmação da ordem (CATALANI, 2020, p. 22).

Hitler elogia Henry Ford como um homem que desafiou os judeus, e, nas margens coloniais do mundo, o expansionismo capitalista já havia inventado os campos de *concentración*, termo possivelmente forjado por um general espanhol em Cuba no fim do século XIX; também estando o termo em diálogo com o poder colonial britânico, com os *concentration camps*, no contexto da Segunda Guerra dos Bôeres (CATALANI, 2020, p. 24-5). É um fator bárbaro que da periferia ressurge no centro, mesmo sendo um evento distinto (CATALANI, 2020, p. 25).

Ao dar essa palestra em 1967, para a União dos Estudantes Socialistas da Áustria, Adorno dialoga com uma nova e expressiva capacidade eleitoral do NPD, partido neonazista (CATALANI, 2020, p. 32). Adorno, em plena época dourada do capitalismo pacificado do pós-guerra, parece antecipar o que viria depois (CATALANI, 2020, p. 33).

Julgar certos grupos, para Adorno, como burros ou loucos era um consolo pequeno-burguês, um autoengano em relação aos eventos concretos do avanço do capitalismo (CATALANI, 2020, p. 38). Envolve algo que dialoga com contradições imanentes do mundo social e seus limites; se falando em um revesso da integração social, uma relegação de enormes setores da população mundial em situação de quase anomia, hoje um fato mais consumado do que nos anos 60. Há uma relação entre esses processos e o avanço da direita (CATALANI, 2020, p. 41).

Não nos cabe, em uma resenha, esgotar o texto. Mas vale ressaltar sua complexidade, em um diálogo com o presente e como ele abre diversas chaves para interpretarmos fenômenos políticos recentes, desde investidas autoritárias dos bolsonaristas, em janeiro de 2023, até parte do sucesso de Olavo de Carvalho etc., etc.

Adorno começa por dizer que não está apresentando uma teoria completa do radicalismo de direita, mas algumas observações para complementar outras análises. Sua tese, seguindo trabalhos anteriores seus, envolve como os pressupostos sociais do fascismo perduram. Há uma concentração de capital que desclassifica permanentemente camadas que eram burguesas, em sua consciência de classe subjetiva, assim queriam fixar, ou aumentar, privilégios e *status* social. São grupos que tendem ao ódio ao socialismo, ou ao que eles acham que é o socialismo. Transferem essa culpa não ao aparato que causa essa questão, porém aos que se opuseram criticamente ao sistema (ADORNO, 2020, p. 45-6). Havendo o fantasma do desemprego tecnológico, as pessoas se sentem como potenciais desempregadas no cenário existente, ainda existindo também o medo do *Leste*, devido ao baixo nível de vida e pela falta de liberdades (ADORNO, 2020, p. 47).

Adorno, mesmo assim, vê algo fictício nos medos existentes na direita. Há algo de ultrapassado no nacionalismo, exatamente por isso se adquiri contornos mais agressivos, como uma perseguição das bruxas, porque essa *caça* não aconteceu no período de Alto Tomismo, contudo ocorreu na Contrarreforma. Na época de Hitler já se forçava uma crença em algo que não se acreditava totalmente (ADORNO, 2020, p. 48).

Há pelo quadro social um medo, o qual dialoga com os apoiadores do novo e do velho fascismo. Há grupos que, por sua vulnerabilidade, se mostram mais fáceis de cooptar, falando Adorno de um problema no campo e mesmo na juventude. Adorno (2020, p. 51) fala que essa *antecipação do terror* possui algo central. De certo modo, eles querem uma catástrofe, se nutrem com uma fantasia de fim de mundo. Não querem só uma destruição de seu grupo, mas, se for possível, uma destruição total (ADORNO, 2020, p. 52). Eles atraem essas pessoas por meio de fingimento, de que são os garantidores do futuro, e de que há por trás deles Deus sabe o quê (ADORNO, 2020, p. 53-4). Isso, claro, dialoga com toda uma teoria do que é o reacionário, como algo que visa à recuperação de um elemento parcial do passado, para eles tentarem se salvar do hipotético *apocalipse* presente (PAIVA, 2021).

Não se deve subestimar esses movimentos, independente de seu baixo nível intelectual e ausência de uma grande teorização. É uma perfeição dos meios, propagandísticos até, combinados com uma cegueira quanto aos fins. Uma propaganda genial que soma interesses reais e falsos objetivos simulados (ADORNO, 2020, p. 54). São grupos que se consideram anticonservadores e *antivermelhos* (ADORNO, 2020, p. 56).

Há algo forçado e manipulador nesses movimentos, todavia um real movimento espontâneo das massas pode ocorrer dependendo do cenário objetivo, logo há um risco real do crescimento, formando sistemas delirantes de direita radical.

Em um fetiche do militarismo e uma série de inimigos designados, como os comunistas, com um peculiar caráter abstrato, em que tudo o que não convém é submetido ao conceito elástico; comunismo como uma palavra para assustar, entre outras possíveis (ADORNO, 2020, p. 59-60).

Sendo óbvio como o antissemitismo, nesse quadro alemão, ainda possui seu papel. Mas há essa impossibilidade de ser abertamente antissemita. Em uma recusa da culpa pelos eventos anteriores, contra os judeus. O que não é dito, abertamente, é entendido entre eles; são táticas de insinuação (ADORNO, 2020, p. 61-3). Algo que hoje nós poderíamos chamar de *apito para cachorro*, um sinal, para alguns, imperceptível, mas que o radical de direita vai entender, ou achar que entendeu.

Uma fragilidade, na leitura de Adorno (2020, p. 64), é que desapareceu o que é abertamente antidemocrático, evocando esses radicais sempre uma *verdadeira democracia*. Falam também de liberdade e espontaneidade. Assim o elemento demagógico da direita radical não pode ser tão desinibido, como em outros momentos foi.

Isolam informações verdadeiras de seu contexto, para não ver uma conjuntura total. Em leituras fragmentadas, com flexibilidade, em que o *espírito* fica no segundo plano. Mais uma vez é a propaganda, que deixa essas massas engajadas, mesmo nessa ideologia muito pobre, e que se nutra em uma personalidade fixada na autoridade, a unidade como esse apelo ao carisma desse líder (ADORNO, 2020, p. 65-7). É uma inversão da lógica de premissas que levam para uma conclusão, nós poderíamos dizer, afinal já há uma conclusão, que vai necessitar, muitas vezes, de um malabarismo lógico para se justificar, do tipo: a priori *Olavo de Carvalho ou Bolsonaro* já *estão certos*, mesmo se estiverem em contradição até com o que disseram antes.

Para Adorno é um número de truques, os quais retornam. Mesmo fracos e pobres possuem esse valor propagandístico, em repetições permanentes. Como um apelo ao concretismo, como se nada pudesse se opor ao elemento apresentado (ADORNO, 2020, p. 69). Isso envolve, certamente, um pragmatismo conservador ou mesmo certos apelos falaciosos (PAIVA, 2021). O concretismo, todavia, se mistura mesmo com mentiras toscas (ADORNO, 2020, p. 69), *vide* Olavo de Carvalho falando sobre uma falta de provas sobre os males do tabagismo ou tantas outras falas absurdas do mesmo polemista (PAIVA, 2021).

Aqui não podemos aprofundar e desenvolver todas essas táticas, contudo fica claro como Adorno está falando de técnicas não necessariamente honestas de argumentação, que desejam vender o radicalismo como sério, formal, lógico, enquanto os adversários são desqualificados, ou postos em questão. Havendo até um elemento de punitivismo, como essa proposta concreta dos radicais de reintrodução da pena de morte.

Isso dialoga também com um conservadorismo estético, em algum nível. De todo o complexo contra a *arte degenerada*, ou tentativa de controle e censura na mídia (ADORNO, 2020, p. 73). Enfim, já mostramos antes que o campo da direita possui toda uma questão de crítica estética, reclamando, com certa frequência, da música, vestuário, pintura etc. (PAIVA, 2021).

Adorno termina essa palestra falando que esse é um problema difícil de abordar e solucionar, porque o radical de direita não vai permitir uma aproximação, um diálogo fácil. Devemos aprender os truques, colocar nomes drásticos neles, descrevê-los com precisão, ver suas implicações. Tentar *vacinar* essas massas, porque ninguém quer ser feito de idiota, e tudo isso é baseado em uma gigantesca técnica de enganação, sendo uma grande *trapaça psicológica*. A evolução futura do fenômeno, enfim, depende de nós (ADORNO, 2020, 75-6).

O livro fecha com o posfácio da edição alemã, que revisa certos pontos, aprofunda outros, em relação ao aporte teórico de Adorno, e traça alguns paralelos entre a palestra de Adorno e o mundo contemporâneo. Aqui, contudo, não exploraremos esse material, pois isto extrapolaria o tamanho previsto da presente resenha.

RECEBIDO em 11/10/2023
APROVADO em 15/12/2023

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Aspectos do novo radicalismo de direita**. São Paulo: Editora Unesp, 2020.

CATALANI, Felipe. Depois da meia-noite no século: Adorno e as análises do fascismo. In: ADORNO, Theodor W. **Aspectos do novo radicalismo de direita**. São Paulo: Editora Unesp, 2020.

PAIVA, Mário Jorge de. **Introdução ao pensamento conservador do século XX e início do século XXI**: das ideias de G. K. Chesterton até a nova direita brasileira. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.